

VIAJANDO NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM, EMBARQUEI NOS PROVÉRBIOS¹

(*) Professora da
FACED/UFBA

A idéia de escrever este texto teve início quando, num dos meus muitos momentos de reflexão sobre a avaliação da aprendizagem, objeto de estudo do meu Projeto de Dissertação² do Mestrado em Educação da Universidade Federal da Bahia, deparei-me com uma lembrança muito próxima de um dos muitos provérbios que me acompanharam em toda a minha trajetória de vida: *"sem ângulos não existem casas, sem provérbios não existe linguagem"*. E foi aí que tudo começou.

Lembrei-me de que, quando criança, escutava inúmeros provérbios que a mim se apresentavam como uma forma de orientação à minha conduta, enquanto ser social. Nunca os achei imperativos, mas sempre esclarecedores, nunca os vi como uma lei ou norma de caráter punitivo ou rígido, mas sempre como algo que vinha referendar uma lei da natureza, a observação de um evento natural. Via-os como leis que têm a sabedoria de uma observação que foi reconhecida, em sua longa experiência, pelo povo.

Assim cresci, com os provérbios na lembrança, e agora os trago com a força suprema de sua expressão, nesta minha mais nova experiência, por achar que muito têm a ver com essa súbita recordação.

O meu supracitado objeto de estudo refere-se a um dos fatores intraescolares que, pela sua complexidade, ainda vem sendo considerado, dentre outros aspectos, de caráter polêmico, contraditório e predominantemente lacunar no processo de ensino e de aprendizagem. À medida que me enveredo numa maior compreensão desse objeto, mais encantada e preocupada me encontro com as descobertas que vou fa

zendo. E são essas descobertas e preocupações que gostaria de compartilhar com você, convidando-o, através da leitura deste texto, a participar comigo de uma viagem fantástica na avaliação da aprendizagem, embarcando nos provérbios aqui selecionados a fim de refletir, de forma econômica,

doce e popular, sobre a expressão do meu entendimento quanto à significação da concepção e da prática desse objeto de conhecimento, com base nos postulados teóricos registrados no Projeto de Dissertação acima mencionado.

O apaixonante do provérbio é o seu poder de "costurar", num breve enunciado, mas denso de significado, o eterno resultado de um longo processo, cuja

matéria são as experiências de vida e . cujo artista é o surpreendente funcionamento mental. Por seu caráter de verdade, independente do lugar e do tempo, o provérbio ganha uma maior força de expressão para alguém, quando este estávivendo uma experiência que tem a ver com a sabedoria de uma observação que o provérbio traz consigo.

Para tanto, solicito ao leitor, meu mais novo companheiro de viagem, que permita o despertar da sua imaginação e criatividade, não só para compreender a análise e os questionamentos aqui levantados e expressos espontaneamente - como resultado da associação dos provérbios com alguma circunstância ou

acontecimento ligado ao processo de avaliação da aprendizagem como também para ampliar e/ou efetuar novas análises e questionamentos, a partir da sua própria experiência. É meu propósito usar os provérbios de maneira fidedigna àqueles que sempre o usaram, na sua grande maioria po

etas e mestres da religião, ou seja, como expressões que objetivam a fixação de princípios fundamentais diversos.

Necessário se faz, porém, referendar o fato de que a força dos provérbios encontra-se no calor de uma relação pessoal, portanto, nesta viagem procuro estabelecer um vínculo com eles para que os mesmos possam se fazer presentes, atualizar o seu sentido e adquirir vida. Assim sendo, tentarei garantir, na medida do possível,

O apaixonante do provérbio é o seu poder de "costurar", num breve enunciado, mas denso de significado, o eterno resultado de um longo processo...

transformar esta leitura numa verdadeira e gratificante viagem, por um território provavelmente já conhecido de muitos.

Agora, já consciente do "roteiro de viagem", do seu valor social, do grupo participante, das recomendações necessárias e do piloto responsável, sugiro que aperte seu cinto, pois já demos início à decolagem. Boa Viagem!

Na nossa primeira *aterrissagem* encontramos para nos recepcionar o provérbio que traz consigo a seguinte mensagem: *"aborreça aos teus doutores e as enfermidades chegarão rindo"*. Este provérbio me fez lembrar que tudo o que existe tem uma razão de ser, tem uma importância no existir, no ter se feito presente. E que, para continuar existindo, tem que fazer jus ao motivo pelo qual foi criado. Agora você vai perceber porque aqui procurei dar o significado à palavra *"doutores"* de princípios e/ou orientações inerentes a qualquer tipo de prática, no nosso caso à prática avaliativa, e porque relatei *"enfermidades"* a resultados desastrosos que obtemos quando não consideramos, de maneira competente, estes princípios e/ou orientações. Será que podemos associar esse provérbio à realidade educacional que hoje vem sendo vivenciada, considerando como *"enfermidades"*: a evasão, a reprovação e a repetência dos nossos alunos? Será a avaliação da aprendizagem um dos fenômenos explicativos para essas *"enfermidades"*? Logo me veio à lembrança uma citação de POPHAM (1983:24), que tão bem retrata a importância do trabalhar

avaliação no processo de ensino e de aprendizagem:

Existem algumas especializações nas quais, se o especialista erra, pouco prejuízo é causado. Um jardineiro que poda um arbusto inapropriadamente pode ser perdoado porque o arbusto crescerá novamente (...) Mas os avaliadores educacionais estão tratando com bens mais facilmente danificáveis. Na verdade, o prejuízo que pode ser causado aos alunos como consequência de educação inapropriada pode ser tão irreparável quanto os erros de um cirurgião durante uma operação com o coração aberto. O bemestar intelectual, emocional e físico de centenas ou de milhares de alunos pode ser influenciado benéfico ou adversamente devido às ações de avaliadores educacionais. Com estes tipos de riscos em questão, o avaliador educacional deve dominar atentamente os procedimentos do jogo.

Devemos, pois, evitar, com base nestes alertas, dentro da nossa prática avaliativa, fazer das verdades trazidas por alguns provérbios, a nossa verdade, como por exemplo daquela verdade trazida pelo provérbio que diz: *"da zebra não se pode apagar as listras"*. Se, numa relação metafórica, considerarmos os alunos a *"zebra"* citada neste provérbio, não devemos, em nenhum momento, nos esquecer de que a avaliação *"atua no sentido de dar um rumo aos resultados do processo ensino-aprendizagem. É um ato pedagógico específico com objetivo de verificar a qualidade da aprendizagem do estudante subsidiando o*

seu processo de construção". (LUGKESI,1992:05).

Se os "Istrarmos", por uma falha no processar a avaliação da aprendizagem, impedindo-os de realizar sua caminhada escolar, sérios serão os prejuízos sociais aos seus projetos de vida. É sabido que a cada fracasso escolar o indivíduo introjeta a depreciação de sua auto-imagem, acreditando-se fracassado também em outras atividades de sua vida pois "o uso do cachimbo, põe a boca torta".

E de novo me reporte a uma outra leitura, quando da construção do meu Projeto, desta vez ao artigo de Ludke: "Aspectos filosóficos e políticos da avaliação educacional", publicado em 1985 que traz a seguinte constatação:

"...nossas crianças são avaliadas como não aptas para galgar ao segundo ano em mais de 50% dos casos, há mais de 40 anos...". Avaliação da aprendizagem e fracasso escolar: Uma relação possível??

Com essas lembranças e com esses questionamentos, fui ficando altamente gratificada por ter eleito como meu objeto de estudo um aspecto tão relevante no nosso contexto escolar, hoje considerado por muitos estudiosos da área como um dos pontos responsáveis pelo estrangulamento do nosso sistema educacional.

E nossa viagem prossegue encontrando desta vez, para nos recepcionar, o seguinte provérbio: "quem com ferro

fere, com ferro será ferido". Esta mensagem me fez sentir uma ansiedade e uma aflição muito fortes. Ansiedade por perceber nela diluída a oportunidade de ver respondida uma das minhas muitas indagações quanto à grande quantidade e à constante evolução das teorias conhecidas, referentes a este meu objeto de trabalho: Por que existe um grande hiato entre o mundo teórico-metodológico desenvolvido nos grandes centros de excelência e a prática cotidianamente implementada nas escolas públicas e privadas, em relação ao processo de avaliação da aprendizagem? E aflição por ver também diluída nesta mensagem a concepção que nós educadores,

atualmente, estamos adotando da avaliação da aprendizagem nas nossas instituições de ensino e que tão bem é retratada tanto por LUGKESI(1992), como por Vasconcellos (1992), Segundo Luckesi, a prática avaliativa em nossas escolas, "sob a aparência de avaliar a aprendizagem,esconde sua fachada de casti-

go..." (p:469), o que vem a ser comprovado por Vasconcellos quando este afirma que "a prática da avaliação escolar

chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais..." (p:37), além de ser confundida com o ato de verificação. Assim desenvolvida, a prática da avaliação permite apenas a constatação do nível de aprendizagem e seu registro

E a nossa prática avaliativa? Será que estamos a processar uma avaliação na busca de uma melhoria da qualidade do ensino, no que se refere a um melhor desempenho dos alunos...?

sob a forma de notas. "...a nossa prática de avaliação da aprendizagem escolar estaria desvinculada de uma proposta pedagógica, desde que ela se descola do processo de ensino e aprendizagem propriamente dito".

(LUCKESI, 1992: 470).

E a nossa prática avaliativa? Será que estamos a processar uma avaliação na busca de uma melhoria da qualidade do ensino, no que se refere a um melhor desempenho dos alunos, dos professores e do próprio processo de aprendizagem, ou a estamos processando dentro de uma concepção meramente burocrática, punitiva e obstaculizante que venha a "lerir" profundamente a formação dos alunos? Neste momento me veio à mente o que já falava um grupo de especialistas nesta área quando se referiam ao que para eles seria avaliação: "Sabemos que a avaliação não é um processo pelo qual se descobre a alternativa mais 'eficiente' ou 'ótima', mas é parte de um processo político que envolve conflitos, contradições, compromissos e poder." (Esmanhoto, Klees e Werthein, 1985:91). A que processo político estamos a atender? Que marcas podemos imprimir a nossa própria formação como educadores, a partir da prática avaliativa que adotamos?

Espero que você, meu companheiro de viagem, não esteja cansado com tantas reflexões e possa prosseguir comigo...

Aterrissamos, em seguida, num ponto da avaliação onde a recepção se fez presente não por um, mas por um conjunto de provérbios que traziam uma verdade em comum. Será que relacionando-os, você conseguiria descobrir esta verdade? Vamos tentar?: "Roma não foi feita num dia"; "o mundo pertence aos pacientes"; "quem corre cansa, quem anda alcança"; "o fogo da le

nha verde dá mais fumaça que calor"; "não colhas já, mais tarde dará frutos"; "não conte as tuas galinhas antes que nasçam"; "de grão em grão, a galinha enche o papo".

Viu como foi fácil? A verdade comum a todos estes provérbios e que está associada à prática avaliativa, refere-se à necessidade de trabalharmos a avaliação durante todo o processo de ensino e de aprendizagem sem pressa, de maneira contínua, atendendo sempre ao ritmo próprio daqueles que compõem a sua clientela, considerando-a como um processo que se inicia desde o fazer acontecer a educação escolar. A avaliação é processual. O diagnóstico do andamento da aprendizagem do aluno é permanente.

Já no retomo dessa última parada, esbarrei no provérbio que diz: "*quem tem pressa, come cru*". Será que esta última palavra traz-nos à lembrança o nosso tão alto índice de analfabetos? Serão eles os crus que nós educadores vivemos a comer? Será que a avaliação da aprendizagem vem participando desse tipo de banquete?

Com essa triste indagação, continuamos a caminhar, de novo esbarrando em algo que, ao me dar conta, percebi se tratar de outro provérbio, cuja mensagem amenizava aquele meu estado de inquietação: "o prazer de encontrar vale mais do que aquilo que se encontra". Mais do que depressa o associei a todos os imediatamente anteriores e verifiquei o quanto pode ser prazeroso um "encontrar" alguma coisa ou ~alguém, procurando ver além das aparências, procurando ver além do que está explícito. O quanto aprendemos num "encontro"! O quanto tiramos de proveitoso num "encontrar"! E de novo me reporteí a LUCKESI (1992) quando ele nos apresenta a avaliação como "forma

de atribuir qualidade a um objeto ou aos resultados de um processo retirando daí decisões consequentes para a ação posterior; no caso da aprendizagem escolar, para a construção da própria aprendizagem" (p:483). É válido ressaltar, entretanto, que todo "encontro" é proveitoso mas, não necessariamente, prazeroso. No caso da avaliação da aprendizagem, nem todo resultado é satisfatório em relação à expectativa do educador, daquele que a pratica, entretanto é proveitoso no que se refere ao que esse profissional pode apreender para fazê-la cumprir o seu papel de auxiliar do processo de ensino e de aprendizagem. Provocar sempre a realização de "encontros prazerosos" é um dos princípios da avaliação da aprendizagem, enquanto processo: avaliar para melhorar, para instruir a qualidade.

Aperte o cinto pois já iniciamos a decolagem de volta.

Se viajar comigo na avaliação da aprendizagem, embarcando nos provérbios, foi interessante para você, volte para que possamos fazer outras tantas viagens, quem sabe dessa vez, em outras áreas do processo de ensino e de aprendizagem? Podemos viajar, por exemplo, nos objetivos educacionais, não esquecendo, ao escolhê-los, que "toda água é cristalina, quando se limpa suas arestas", ou nos conteúdos programáticas, sabendo-se que "mais vale um pássaro na mão do que vários voando" ou ainda, quem sabe, nos procedimentos metodológicos levando junto, para tanto, várias andorinhas pois, "uma andorinha só não faz verão" e sem esquecer que, seja qual for a viagem realizada "quem sabe faz a hora, não espera acontecer" .

BOA VIAGEM!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Iracy Maria de A. *A avaliação da aprendizagem na escola: caracterizando o modelo adotado. Um trabalho de parceria com um "Programa de Capacitação em Gestão Participativa"*. Projeto de Dissertação do curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, 1995, pp. 0128.
- CAMPELO, Camélio Ramalho. *Provérbios e Peno samentos*. Rio de Janeiro: Record, 1990. COHEN, Cláudio. *Definição do que é Provérbio*. In: *Provérbios e o inconsciente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991, pp.19-25.
- ESMANHOTO, Paulo; KLEES, Steven; WERTHEIN, Jorge. *Avaliação educacional: tendências na direção de enfoques mais participantes*. In: *Educação e Participação*. Rio: Philobiblion, 1985, pp.79-108.
- LUCKESI, Cipriano Cartos. *Avaliação da aprendi. zagem escolar: sendas percorridas*, São Pau. 10, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 1992 (Tese de Doutorado).
- LUDKE, Hemengarda. *Aspectos filosóficos e polí. ticos da avaliação educacional*. In: *Avaliação Educacional: necessidades e tendênci.*
- as. *Programa de Pós-Graduação em Educação*, Universidade Federal do Espírito Santo, 1985, pp.33-41.
- POPHAM, W. James. *Avaliação educacional*. Rio. Global, 1983, Capr i, pp.01-28.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo, 1992 (Cader. nos Pedagógicos do Libertad; v.3).

NOTIAS

1. O provérbio, forma de expressão popular, ga. nhou circulação e autoridade através da aceita. ção universal da sua verdade. Não apresenta uma definição satisfatória devido à dificuldade de distingui-los das: máximas, aforismos, axio. mas, refrães, chistes, ditos populares, adágios, etc. Em sua grande maioria é de autor desconhecido. (COHEN, 1991)
2. "A Ayalição da Aprendizagem na Escola: carac. terizando o modelo adotado. Um trabalho de parceria com um Programa de Capacitação em Gestão Participativa". Projeto de Dissertação do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.